A atividade acadêmica e científica, com foco no jornalismo e suas transformações a partir do ambiente digital, tem mapeado um complexo sistema de hibridizações, tensionamentos e reconfigurações, percebido nas últimas duas décadas, mas ainda em andamento e, portanto, de difícil apreensão.

Dentro de uma linha que poderíamos chamar de descritiva-interpretativa, foi se registrando ao longo do tempo a chegada e a adoção de tecnologias, hardwares e softwares que, por sua vez, engendraram mudanças de processos e procedimentos; revisão de modelos de negócio da indústria; alterações no relacionamento com as audiências e no próprio papel destas, como parceiras cada vez mais frequentes, não só em pautas e produções, mas também na validação e posicionamento dos produtos, a partir de métricas de engajamento e indicação de interesse.

A infusão das características do meio no conteúdo informativo, agregando aspectos já bem conhecidos como hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, personalização e memória e as alterações nas possibilidades narrativas na produção das notícias, foi o caminho natural que abriu espaço para a estruturação de bases de dados, sistemas de gerenciamento de conteúdo e controle dos processos produtivos, permitindo apreensão de tendências, aumento dos níveis de personalização e busca por resultados traduzidos em números de visualizações, tempo de permanência e rejeição (*bounce*), entre outros.

A visualização de dados (Rodrigues, 2009; Cordeiro, 2013), o aprimoramento das técnicas de otimização em mecanismos de busca e coleta automatizada de informação (Bradshaw, 2014; Bruns, 2017) e o desenvolvimento de sistemas especializados, capazes de lidar com grandes volumes de dados (Gonález-Bailón, 2013; Lewis & Westlund, 2015; Lima Jr., 2017) , trouxeram também mudanças nos perfis profissionais para empregabilidade e um crescente caráter interdisciplinar ao processo, que hoje já mantém áreas de contato bem sólidas com a Ciência da Computação , o Design e a Ciência de Dados.

A produção de textos automatizados e, mais recentemente, a incorporação de tecnologias emergentes, tais como inteligência artificial, realidade aumentada, realidade virtual, internet das coisas e big data, aumentam as possibilidades de estudos operando sobre constructos e referencial teórico até então pouco explorados pelos cientistas da Comunicação.

O jornalismo, através da sua inexorável conexão com o mundo real e seus movimentos, transformou-se assim em arena para experimentações, validação e questionamento entre inovações, possibilidades teóricas e práticas reais disponíveis no cenário contemporâneo.

O recente interesse acadêmico por temáticas como jornalismo imersivo (JI), conteúdo 360 graus, realidade aumentada (Santos, 2015, 2018, 2019) e, mais recentemente, metaverso[i] (Santos & Cordeiro, 2022), avatares e seu uso na produção de notícias comprova este percurso, que antes já teve, entre outros trends, a convergência e o conceito de transmídia. Infelizmente, com alguns deles sendo desenvolvidos de forma apressada e pouco aprofundada (Dos Santos, 2017), principalmente desconsiderando que tais tópicos têm anterior e amplo referencial teórico nas suas áreas de origem[ii].

[i] O termo metaverso refere-se de modo geral a iniciativas de conexão entre as atividades no mundo real e em mundos sintéticos, criados por computador, onde através de representações digitais dos indivíduos, usando avatares, por exemplo, podemos transpor barreiras físicas e temporais.

[ii] Para uma introdução sobre narrativas baseadas nos conceitos de imersão e presença, a partir de uma perspectiva interdisciplinar ver Santos (2019).